

FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19

Data de aceite: 01/09/2023

Vitalino Piaia
Chapecó

RESUMO: O fundamentalismo religioso influencia negativamente boa parte da população, pondo em dúvida valores democráticos e científicos. Uma parte dos conservadores religiosos, incluindo parcela de parlamentares, são fundamentalistas e negacionistas em graus diferentes, mas com a mesma base e projeto ideológico. O fundamentalismo está impregnado em toda a humanidade. Mulheres e homens públicos, membros de instituições religiosas e parcela da população dissemina e vive esse *modus operandi*. A humanidade já passou por várias pandemias e, em todas, o fundamentalismo religioso esteve presente, atribuindo a manifestação da ira de Deus pelo mau comportamento das pessoas e pecados cometidos. Investigar a posição das lideranças religiosas fundamentalistas e negacionistas e suas estratégias de convencimento, será objetivo deste trabalho. Compreender e conviver com o diferente, exigirá que todos busquemos, no âmago de nós mesmos, o sopro renovador e salutar, para o bem

viver. Diante disso, somos convidados a conjugar e viver os verbos pazear e esperarçar.

PALAVRAS-CHAVE: Fundamentalismo religioso; Covid-19; Religião; Política; Esperança.

INTRODUÇÃO

Com a pandemia, as diferentes religiões precisaram mudar e encontrar novas formas de celebrar e de se comunicar com seus seguidores. A ciência se reinventou e, em poucos meses, lançou vacinas com boa percentagem de eficácia enquanto divulgava orientações como o uso de máscara, distanciamento social e uso de álcool em gel. Graças às descobertas das vacinas e das orientações de prevenção, muitas vidas foram salvas. Porém, uma boa parcela da população, orientada por líderes religiosos fundamentalistas, chegaram a negar (e ainda negam), a existência da pandemia e a desobedecer às orientações sanitárias e à vacinação.

Compreender como estas atitudes fundamentalistas têm influenciado boa parte da população sobre o tratamento do Covid-19, será um desafio. O fundamentalismo religioso não é uma prática exclusiva do Brasil. Esse ideário conservador e negacionista perpassa gerações.

O fundamentalismo religioso, no Brasil, extrapolou os templos e influenciou o sistema político. A Constituição brasileira, define que somos um país laico, mas, na prática, isso não acontece. A interferência religiosa ainda é muito presente. Existem muitas instituições religiosas e crenças agindo em conformidade com a democracia, com a ciência e com respeito à vida. Boa parte das lideranças e dos fiéis não mediram esforços para alcançar condições de adaptabilidade e estão seguindo as restrições e orientações sanitárias de manter e ampliar o distanciamento físico e social com o objetivo de conter o avanço do Covid-19. Porém, também ficou evidente que alguns líderes religiosos assumiram posturas resistentes em mudar os hábitos e costumes religiosos, desde aqueles que negam com veemência a existência do vírus, até aqueles que profetizaram sua cura através de recursos, muitas vezes, contrários à ciência.

Nas várias pandemias que ocorreram na humanidade, há relatos estarrecedores de como os cadáveres dos doentes que haviam falecido durante a noite, eram recolhidos pela parte matinal em carroças para levá-los aos cemitérios, onde eram enterrados em valas comuns, sem sequer envolver os corpos com uma mortalha.

Uma boa parte das denominações religiosas e de crenças diversas, especialmente o ramo fundamentalista, se “graduou” no Governo Federal dando-lhe apoio ideológico em nome de “Deus”. Basta ver o ‘slogan’ do governo: “BRASIL ACIMA DE TUDO. DEUS ACIMA DE TODOS”. A origem dessa evocação, “BRASIL ACIMA DE TUDO” é o ‘slogan’ dos paraquedistas do Exército Brasileiro que ao iniciarem suas manobras pronunciam a frase, como um “grito de guerra”. O atual presidente fez parte dos paraquedistas. Porém,

Os paraquedistas do segmento evangélico sempre ficaram muito incomodados quando, durante as corridas alguém puxava “BRASIL ACIMA DE TUDO”, imediatamente sempre aparecia alguém dizendo “ABAIXO SOMENTE DE DEUS”; provavelmente o Bolsonaro também se lembrava disso. A grande sacada dessa campanha foi ter conseguido acomodar complementado com “DEUS ACIMA DE TODOS”, que passou a ecoar também nas corridas dos militares (MONTENEGRO, 2018, p.1).

Com uma pregação teológica fundamentalista, parte dos evangélicos se embrenharam, junto ao Governo Federal, num esforço para disseminar informações contrárias às da ciência, negando suas orientações. Nota-se que está embutida uma agenda neoliberal promotora da corrosão da solidariedade, que dá mais poder a um Estado mínimo de direitos e fortalece a noção da meritocracia. É um sistema hierarquizado e de exclusão. Ações que promovem justiça social não fazem parte da agenda dos fundamentalistas, juntamente com o poder Executivo.

O objetivo deste trabalho foi investigar a posição das lideranças religiosas e de parlamentares fundamentalistas e suas estratégias de convencimento de parte da população a tomarem posturas negacionistas frente a pandemia do Covid-19.

FUNDAMENTALISMO

O termo fundamentalismo foi originalmente designado por seus defensores para descrever uma lista específica de credos teológicos que se desenvolveu em um movimento na comunidade protestante dos Estados Unidos, na primeira parte do século XX. (ARMSTRONG, 2009).

Pessoas fundamentalistas acreditam nos seus dogmas como sendo a verdade absoluta. É um movimento que objetiva voltar ao que são considerados princípios fundamentais, ou vigentes na fundação do determinado grupo. A expressão fundamentalismo passou a ser usada por outras ciências para significar uma crença irracional e exagerada, uma posição dogmática ou até um certo fanatismo em relação a determinadas opiniões, como em Economia, com a expressão fundamentalismo de livre mercado (ELLER, 2018).

No islamismo é um termo utilizado para definir a ideologia política e religiosa que sustenta o Islão. É um sistema que também governa os imperativos políticos, econômicos, culturais e sociais do Estado, quebrando o paradigma de estados laicos. É a tomada de controle do Estado para implementar o sistema islamista.

No cristianismo, o fundamentalismo surge como uma reação ao modernismo que estava começando a se espalhar nas igrejas dos Estados Unidos. Daí a necessidade de afirmação na inspiração divina e inerrância da Bíblia, ressurreição e retorno de Jesus Cristo, doutrinas consideradas fundamentais do Evangelho (daí o nome fundamentalista) que os teólogos modernistas já não criam serem verdadeiras.

No Judaísmo, os *Hared* se julgam “os verdadeiros judeus da Torah” e, por isso, se alimentam, vestem-se e vivem estritamente no modo religioso, sendo considerados fundamentalistas pelos demais grupos. Existem equivalentes no Hinduísmo e outras religiões mundiais (ARMSTRONG, 2009).

Nas mãos de fundamentalistas radicais, os meios de comunicação se tornaram uma ferramenta para desinformar, enganar e veicular informações ideológicas que contradizem os pressupostos científicos e democráticos.

Para haver diálogo e convivência pacífica, faz-se necessária abertura do coração, da mente e do espírito. Esses valores não constam no dicionário dos fundamentalistas, pois,

O fundamentalista está convencido de que a sua verdade é a única, e que todos os demais ou são desviantes, ou fora da verdade. Isso é recorrente nos programas televisivos das várias igrejas pentecostais, incluindo setores da Igreja Católica. Mas também no pensamento único de setores políticos. Pensam que só a verdade tem direito, a deles. O erro deve ser combatido. Eis a origem dos conflitos religiosos e políticos. O fascismo começa com esse modo fechado de ver as coisas (BOFF, 2016, p. 1)

Observando os programas televisivos das várias igrejas pentecostais, incluindo setores da Igreja Católica, as pregações fundamentalistas ocorrem com frequência. O mesmo ocorre entre os parlamentares que comungam das mesmas convicções.

No Brasil, o atual mandatário do poder executivo federal congregou, em torno de si, muitos líderes religiosos e grupos de viés conservador reunindo uma força fundamentalista e negacionista. Nega-se os valores e princípios éticos, construídos e melhorados ao longo da história. As conquistas sociais que beneficiam os excluídos, estão sendo soterradas por uma avalanche ideológica conservadora e comprometida com o grande capital. Tanto nas pandemias do passado como na atual, nas posturas frente às mesmas, praticamente se confundem com práticas do passado,

[...] tanto no pensamento hebraico como no grego, as epidemias estavam duplamente relacionadas às causas naturais e religiosas. Era, por um lado, castigo dos deuses e, por outro, podia ser observada, analisada e evitada com medidas humanas. A degradação moral da sociedade era considerada a causa e consequência das epidemias, causadas como castigos dos deuses e que, por sua vez, levavam a humanidade a gestos degradantes. Essas abordagens concomitantes - mítico-religiosa e científica - estarão presentes na compreensão das epidemias que vão ocorrer ao longo da história. Curiosamente, mesmo com o advento das ciências biológicas, há lideranças religiosas que continuam apelando para causas espirituais ao explicar eventos como a SIDA e a COVID-19 (SANCHES; LOVO; SANCHES, 2020, p. 143).

O fundamentalismo tem um modo próprio de ver, perceber e de se posicionar diante dos acontecimentos do mundo e da vida em sociedade. A base do fundamentalismo contém um forte tom de arrogância. Defendem que o seu modo de ser, suas idéias, religião e forma de governo são as melhores e as únicas válidas. Percebe-se que no Brasil, o poder Executivo Federal se apoia e é apoiado por parte de alguns líderes religiosos, com seus fiéis seguidores. Contudo,

[...] não há nenhum movimento no sentido de fiscalizar as atividades das igrejas evangélicas, de fiscalizar as movimentações financeiras das igrejas, de fiscalizar os amplos repasses de dinheiro para empresas, de restringir a atuação das igrejas nos meios de comunicação, de restringir a atuação de líderes evangélicos na política e de impedir que partidos políticos sejam controlados por igrejas evangélicas. (FIOROTTI, 2020, p. 1).

Porém, não se pode generalizar, pois há líderes religiosos comprometidos com a inclusão de todos e com a democracia. Vivenciamos, na atualidade, as conquistas democráticas, a liberdade de expressão e de imprensa, direitos civis e institucionais garantidos pela Carta Magna Brasileira, frutos de muitas reflexões e lutas.

Em contrapartida, não há restrições para a atuação de líderes religiosos na política e de impedir que partidos políticos sejam controlados por igrejas evangélicas. Isso não é cabível em um país laico, porém, muitos políticos se utilizam da religião para ampliar sua base eleitoral. Há religiosos que se aproximam dos políticos por conta dos interesses das

suas igrejas. Nota-se que o fenômeno religioso, fundamentalista, tem a capacidade de aglutinar ao seu redor uma quantidade de instituições, líderes religiosos e fiéis leigos em defesa de seus ideais e projetos expansionistas religiosos e políticos.

EPIDEMIA E O FUNDAMENTALISMO

Desde a descoberta do Coronavírus, instalou-se uma polêmica sobre a sua origem. Embora a ciência tenha feito grandes descobertas e a criação de várias vacinas, persistem as dúvidas e questionamentos. Como surgiu o vírus que gerou uma pandemia?

A epidemia começou na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas rapidamente se espalhou para o mundo. As principais teorias levantadas incluíam o contato entre um ser humano com um animal infectado e um acidente em um laboratório na China. [...] O relatório ainda afirmou que a passagem do vírus para humanos por meio de produtos alimentícios é possível, porém uma hipótese remota. Já a possibilidade de o vírus ter escapado acidentalmente do Instituto de Virologia de Wuhan foi classificada como “extremamente improvável” (BUTANTAN, 2021, p. 1).

As dúvidas sobre as origens do Covid-19 alimentaram múltiplas suposições por parte dos fundamentalistas, desafiando a ciência e as instituições comprometidas com a vida e a democracia. O “fenômeno” fundamentalista, vem ganhando força e espaços, especialmente na atualidade, diante da pandemia, está vivo e presente em todas as camadas da sociedade, em todas as esferas públicas, privadas e, infelizmente, também nas instituições religiosas.

Embora a Constituição Federal proclame que é vetado os Estados, à União subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos, na prática, acontece o apoio aos que comungam dos mesmos princípios dos mandatários e um demérito aos opositores dos mesmos. Muitas famílias estão divididas, comunidades estraçalhadas, pois seus membros se posicionam uns contra os outros, com ataques e defesas. Percebe-se a instalação da cultura do ódio.

Líderes religiosos, sabedores do poder de influência na sociedade apoiam discursos e teorias incoerentes e espalham o vírus da desconfiança no meio da população. Com palavras simples e contagiantes transformam as pregações em discursos com uma linguagem categórica. Com isso, a desinformação e o negacionismo se tornam verdades entre seus seguidores.

Entre os religiosos fundamentalistas, um dos assuntos mais disseminados são as receitas milagrosas, oferecendo curas com métodos sem comprovação científica, além de atacar sistematicamente as orientações da OMS, gerando incertezas e descaso em relação às medidas preventivas necessárias ao combate do vírus.

Percebe-se uma inversão dos valores religiosos e a naturalização do ódio. Esse é o *modus operandi* fundamentalista. Esses pensamentos e atitudes criam um acirramento

entre a razão e a fé, entre ciência e religião. É ilustrativo o caso do líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, que anunciou o comércio de sementes milagrosas de feijões, vendidas com valores elevados, como remédio para cura desse vírus pandêmico. De modo similar, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, propagou nas redes sociais que o “Brasil não poderia ser cobaia para a vacina da China (Coronovac) e que a “catástrofe” da covid não atingiria o país” (OLIVEIRA, 2021, p. 1). Na mesma linha, o líder da Igreja Universal, pregou aos seus seguidores que o “coronavírus só atinge quem não tem fé” (MACIEL; DIP; RIBEIRO, 2020, p. 2).

Apesar das reiteradas recomendações dos órgãos de saúde para que se evite contato social e aglomerações para não disseminar o coronavírus, líderes destas mega igrejas com muitos templos espalhados pelo país, cujas sedes têm capacidade para milhares de fiéis, além de milhões de seguidores junto aos meios de comunicação social, difundem abertamente pregações negacionistas. Usam o nome de Deus para justificar interesses escusos e ideologicamente fundamentalistas e negacionistas. O atual governo federal consegue congregar ao seu redor uma gama de entidades e pessoas que comungam de um mesmo projeto.

Os fundamentalistas e negacionistas são pessoas e grupos com boas condições financeiras e com técnicos especializados em mídias digitais. Também está sendo constatado que grandes empreendimentos (indústrias e o agronegócio, principalmente) são os financiadores de tal prática. Porém, também se verifica que grande parte da população (pessoas simples) trilha por esse viés ideológico, ou por falta de conhecimento/esclarecimento ou por indução de seus líderes religiosos ou políticos.

Apesar da forte onda negacionista, a grande maioria da população está aceitando e incentivando a vacina, como um grande meio para coibir a transmissão do vírus. Por sua vez, muitas empresas estão adotando medidas de incentivo à vacinação, ou seja, estão exigindo o passaporte vacinal de seus funcionários.

O futuro das pessoas que não quiserem tomar a vacina tende a ser cheio de restrições, como já acontece em muitos países com a campanha mais adiantada. Uma das repercussões mais esperadas do avanço da vacinação contra a covid-19 começa a tomar forma no Brasil e no mundo: governos e empresas estão anunciando regras para desencorajar a recusa aos imunizantes. Entre as políticas mais comuns, destaca-se a criação dos chamados passaportes da imunidade. A proposta é que, para entrar em lugares de convivência com outras pessoas, será exigido um documento (físico ou digital) que comprove a aplicação das doses que resguardam contra o coronavírus (BIERNATH, 2021, p. 1)

Diante de tal situação, empresas, amparadas por lei, estão tomando medidas contra os trabalhadores que se recusarem a receber o imunizante, demitindo-os por justa causa. A partir do momento em que o direito individual prejudica o coletivo, tornando-se uma ameaça à população, no caso, à saúde, é dever e compromisso de se proteger, mesmo

não concordando com as orientações. As atitudes individuais não devem se sobrepor à coletividade, em casos de catástrofes, calamidades e pandemias.

Em tempos de guerras de narrativas, a verdade tem se tornado cada vez mais líquida, isto é, aquilo que é massivamente compartilhado, ainda que falso, se torna uma verdade. Por isso, no meio de tantas informações, corremos o risco de ser intoxicados por notícias falsas. Nesse passo, em um país religioso como o Brasil, se faz necessário levantar um debate sobre a responsabilidade que as denominações religiosas e suas lideranças desempenham em uma sociedade que passa por uma crise sanitária e econômica sem precedentes na história (LUZ; SIMON, 2020, p. 2)

Quando nos referimos ao fenômeno religioso, não podemos qualificá-lo como sendo de tudo aceitável, bonito e digno de admiração. Devemos analisar de que forma as manifestações religiosas favorecem a vida, a democracia, o direito e a dignidade das pessoas. Não se pode afirmar que tudo o que pertence a uma cultura ou crença deva ser visto como virtude e valor que mereça divulgação. A criticidade, frente ao fenômeno religioso, é premente.

ESPERANÇAR E PAZEAR

Para enfrentar esse tipo de fundamentalismo, de acordo com Leonardo Boff (2016), uma das atitudes consiste no resgate do conceito bom do relativismo, palavra que muitos nem querem ouvir. Mas nele há muita verdade. Inspirados, por exemplo, na culinária, veremos que há uma só culinária, a que prepara os alimentos humanos. Mas ela se concretiza em muitas formas e em várias cozinhas: a mineira, a nordestina, a japonesa, a chinesa, a mexicana e outras. O importante é a alimentação. Cuidar, alimentar e orientar os fiéis seguidores das religiões, crenças e de filosofias de vida, deverá ser a grande preocupação das instituições com seus líderes. Da mesma forma, a população em geral, pois muitos não professam crença alguma, deve ser orientada pelo poder público, auxiliado pela ciência, para combater os vírus pandêmicos e os vírus ideológicos.

A intolerância toma conta das mentes e corações. Em nossa convivência cotidiana, com facilidade, temos opositores eventuais, frequentes e eternos. Não existem mais discordantes ou adversários: nos tornamos todos inimigos onde se instala nos corações o ódio.

Amigos e conhecidos perdem com frequência seu controle em discussões que começam de forma pacata e vão ganhando octanagem conforme os argumentos são colocados à mesa. Temos uma grande dificuldade em ouvir o outro lado sem nos irritar – e cada um de nós tem o seu gatilho próprio. Para uns é a contestação do conservadorismo; para outros é a crítica ao direito das minorias. Como se vê, o que incomoda alguns é assunto corriqueiro para os demais. Mas o fato é que determinados assuntos tiram as pessoas do sério mais do que outros. E as grandes brigas nas redes sociais sofrem a ação desse tipo de combustível, o gatilho pessoal dos debatedores (FALCÃO FILHO, 2021, p. 1).

Em nosso País existe uma variedade de crenças e manifestações religiosas. O desafio está em conviver e dialogar com a atuação de líderes evangélicos fundamentalistas, nas na religião bem como na política.

Conjugar os verbos *esperançar* (dar ou ter esperança; animar-se, estimular-se, esperançar-se) e *pazear* (jogar à paz, estabelecer paz ou harmonia) deve tornar-se um ideário do vem viver e conviver com o diferente e com a diversidade, em todos os sentidos. Esses verbos (atitudes) estão além de partidos políticos, religiões, crenças ou filosofias de vida; são atitudes humanas.

Como exemplo de comunhão e respeito mútuo, foi marcante o encontro dos líderes do judaísmo, cristianismo e islamismo – três das maiores religiões monoteístas do mundo – orando juntos em Jerusalém.

A presença de Deus em suas diferentes concepções torna-se um elo sagrado que sustenta a espiritualidade do ser humano. Quiçá um dia possamos, com toda a sociedade, celebrar a verdadeira união dos povos, com suas crenças/religiões, comprometidas com a vida e a paz.

Sobrevivendo em meio a tudo isso, sem muitos avanços, a atitude mais sensata é resistir. A resistência, pode não significar novas conquistas, porém, freia o retrocesso. Assim é que nos encontramos na atualidade.

Nega-se a ditadura militar, a escravidão e golpes de Estado. Mesmo diante dessas atrocidades, devemos acreditar num mundo novo onde os verbos *esperançar* e *pazear* devem ser conjugados e vividos. As comunidades LGBTQIA+ são menosprezadas em suas reivindicações e negados seus direitos de existir e de se manifestar. As religiões de matriz africana, da mesma forma. A grande maioria da população brasileira, de tez negra e pobre deverá se levantar e com brado forte proclamar: existimos e temos direitos e dignidade. “Vidas negras importam”. Para enfrentar todas essas adversidades, quiçá tenhamos que imitar o grande aliciador Mohandas Karamchand Gandhi, fazendo uma revolução pacífica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do Covid-19 deverá ser erradicada, se não for possível totalmente, ao menos controlada com ajuda da ciência e colaboração da sociedade. A população deverá ser orientada para o caminho do bem, da paz, da inclusão e da equidade. Menos “gabinetes de ódio” e mais atitudes de amor, tolerância e solidariedade. Cada um tem o direito de manifestar sua verdade, mas ninguém pode ter o monopólio dela, nem uma religião, nem uma filosofia de vida, nem um partido político, nem a ciência. Faz-se necessário dialogar, buscarmos juntos soluções para as calamidades e problemas sociais. A verdade prevalecerá, a dignidade humana será preservada graças a força e a luta dos que acreditam num país justo, inclusivo e equitativo. No Brasil, o fundamentalismo religioso extrapolou os templos e influenciou o sistema político. Somos um país laico,

segundo a Constituição brasileira, mas, na prática, isso não acontece. A interferência religiosa ainda é muito presente e está se infiltrando no meio político. Conviver e resistir diante dessas posturas fundamentalistas e negacionistas, exigirá organização social e conscientização. Ao Deus da vida: Yahweh, o Divino, Onipotente, Caminho, Verdade e Luz, gratidão pelas suas várias manifestações nas mais diversas denominações religiosas, crenças e filosofias de vida.

Paz e bem!

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, K. **Em nome de Deus**: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BIERNATH, A. Covid-19: Como pode ser o futuro de quem decidir rejeitar a vacina? **BBC News Brasil**, São Paulo: 31 agosto 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58389611>. Acesso em: 8 dez. 2021.

BOFF, L. Como enfrentar o fundamentalismo. **Brasil de fato**. São Paulo: 24 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/24/leonardo-boff-como-enfrentar-o-fundamentalismo>. Acesso em: 8 dez. 2021.

BUTANTAN. **Como surgiu o novo coronavírus?** Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 8 dez. 2021.

ELLER, J. D. **Introdução à antropologia da religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.

FALCÃO FILHO, A. A diferença entre discordante, adversário e inimigo. **Exame**, São Paulo: 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/money-report-aluizio-falcao-filho/a-diferenca-entre-discordante-adversario-e-inimigo/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

FIOROTTI, S. Liberdade religiosa dos evangélicos em tempos de pandemia. **A pátria**. Madeira, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://apatria.org/politica/liberdade-religiosa-dos-evangelicos-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

FRANCISCO. Carta encíclica Fratelli Tutti do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf. Acesso em: 8 dez. 2021.

LUZ, A. R.; SIMON, P. H. G. Ay. M. O fundamentalismo cristão frente à pandemia de COVID-19. **COMBATE - Racismo ambiental**. São Paulo: 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/05/19/o-fundamentalismo-cristao-frente-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MACIEL, A.; DIP, A.; RIBEIRO, R. Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus. **Observatório da Laicidade na Educação**, Rio de Janeiro: 19 de março de 2020. Disponível em: <http://ole.uff.br/2020/05/08/especial-coronavirus-megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MONTEIRO, P. De onde vem o slogan Brasil acima de tudo. **Hora Extra**, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

OLIVEIRA, M. Conselheiro de Bolsonaro, Silas Malafaia diz que “ideologizaram a pandemia”. **Congresso em Foco**, 22 de maio de 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/conselheiro-de-bolsonaro-silas-malafaia-diz-que-ideologizaram-a-pandemia/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SANCHES, M. A.; LOVO, O. A.; SANCHES, L. da C. Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso. **REVER**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 139-152, mai/ago 2020.